

Diversão & Arte

De drama policial a aventura infantil: em entrevista ao **Correio**, **Glória Pires** conta da constante escalada por desafios cinematográficos

Desfile do Valler/Divulgação

AS HEROÍNAS DA Glória



Glória Pires em cena de *A Suspeita*

Stella Carvalho/Divulgação



Futuro filme: *Vovó ninja*

» RICARDO DAEHN

Parece irreal, mas foi apenas há 13 anos que a atriz Glória Pires venceu o primeiro prêmio numa competição em festival de cinema, justo em Brasília, com o filme *É proibido fumar*. “Estou aberta à carreira no cinema”, disse, à época, a intérprete de Baby, uma fumante compulsiva. Estranho que o prêmio tenha vindo anos depois de muita dedicação à sétima arte, com resultados potentes como *O Quatrilho*, indicado ao Oscar em 1996; e *Memórias do cárcere* (1985), que, sob direção de Nelson Pereira dos Santos, lhe rendeu o papel de Heloísa, a esposa de Graciliano Ramos. Desde a última quinta, Glória Pires, aos 58 anos, é o principal chamariz de *A Suspeita*, no qual desfila o talento, na pele da atordoada Lúcia, uma policial confusa pela crescente ação do Alzheimer no seu dia a dia.

Lúcia rendeu novo prêmio para Glória, dada como a melhor atriz, no último Festival de Gramado, justo pelo filme que

lhe trouxe o recente desafio de investir na carreira de produtora. Ainda com mistério, a atriz já sinalizou a vontade de estreitar na direção do primeiro longa, sob o estímulo de Pedro Peregrino (diretor dela em *A Suspeita* e ainda, na televisiva *Éramos seis*).

No mais recente filme, uma brecha importante povoa a fala de um dos personagens, a postos para lembrar que “sem memória, não existe país”. *A Suspeita*, pelo tratamento delicado ao Alzheimer, mostra a protagonista esquecendo coisas no fogão e tendo dificuldades em assimilar pistas no quebra-cabeças da profissão, que avança em temas como queima de arquivos. Curiosamente, num momento de violência candente e que coloca o Brasil sob os holofotes negativos da mídia, é a estrela do blockbuster *Se eu fosse você* que, indiretamente, confirma retrocessos do país: há 40 anos, na estreia em cinema, com *Índia, filha do sol*, a atriz carioca já desbarava uma trama de fundo ecológico que alinhava garimpo e violência.

Entrevista// Glória Pires

Qual a tua contribuição na cinematografia brasileira? Como vê a ação da arte na pandemia? O setor cultural está fragilizado?

Difícil responder à esta pergunta da contribuição: só o futuro dirá. Quanto à cultura, vejo o setor fragilizado, por um lado, mas, sempre, resistindo. Resistência está no cerne da própria atividade. Todos precisamos nos ver e nos reconhecer, ouvir nosso idioma e transmitir nossa história.

Ao assumir um personagem como a Lúcia, que, indiretamente, traz mensagens de etarismo e de aposentadoria, como percebe teu comprometimento social?

Amo as personagens que trazem suas fragilidades. Acredito que a função social das manifestações artísticas é dialogar com as questões da vida cotidiana, apontando portas, janelas ou caminhos. A arte não só é feita para ser apreciada mas, principalmente, questionar nossa forma de viver e ver o mundo.

Você criou e administra um método de interpretação pessoal?

Sou autodidata, não tenho uma formação acadêmica, mas posso dizer que me considero uma atriz stanislavskiana, desde que ganhei de meus pais o livro *A preparação do ator*, que me acompanha até hoje e ao qual sempre retorno. Sou atraída pelas personagens que, dentro de sua fragilidade humana, superam suas limitações, por algo maior — as chamadas heroínas. Nise da Silveira, de *Nise — O coração da loucura*; Dona Lindú, de *Lula, o filho do Brasil*; Lota de Macedo Soares (*Flores raras*) e Lúcia, do filme atual. Também me atraem projetos onde possa explorar novas possibilidades ou gêneros.

Como será viver uma agitada vovó ninja, no próximo filme? Que cuidados reserva para trazer entretenimento junto a crianças?

Estou animada. O filme fala sobre algo que todos experimentamos na pandemia: o exercício da convivência, seus momentos difíceis e suas delícias, com humor e reflexões comuns a todas as idades!

A Lúcia tem questões quanto ao futuro... Como você lida com o próprio envelhecimento?

Lido bem com o envelhecimento. Vivo no presente, em direção ao futuro e envelhecer está nesse escopo. Me cuido direito e todos os meus esforços são no sentido de conquistar e manter uma boa saúde, com alimentação orgânica, atividade física e repouso equivalente. Meu pai (o ator Antônio Carlos) era praticante de yoga e me habituei a vê-lo acordar às 5h para praticar.

Como percebe a criação no cinema nacional? Você nota ter alargado horizontes da produção? Como avalia a presença da família Barreto na popularização do audiovisual?

Cada vez há mais interesse na diversidade, não só sobre o tema do projeto em si, mas também dentro da equipe e elenco, o que é excelente tanto para os profissionais quanto para o público. A família Barreto (Luiz Carlos, Lucy, Fábio e Bruno) é uma referência para o nosso cinema, inclusive um símbolo de resistência. Além da amizade entre nossas famílias, fizemos trabalhos importantes, que me deram muita alegria. Tenho um carinho especial por cada um deles e muita gratidão.

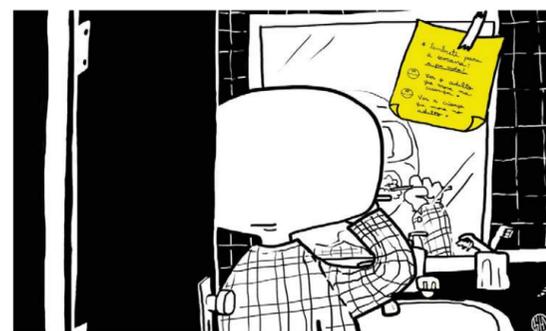
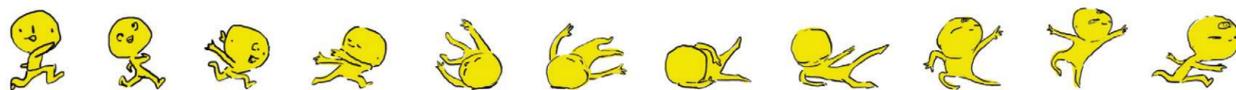
Vê com que naturalidade o advento do streaming e as mudanças de eixos nas relações de trabalho ocasionadas?

Os streamings querem produzir novelas, mas as séries tem seu lugar garantido. A tevê sempre namorou a estética do cinema. As novas tecnologias estão tornando isso mais viável, com as telinhas cada vez maiores.

Você é espectadora voraz de novelas? E quem são os grandes ícones da interpretação capazes de te arrebatarem?

Nunca fui noveleira, mas algumas me pegaram. Vou citar as quais não participei: *Cordel Encantado*, *Os ossos do barão* e *O Bem Amado*. Minhas referências são: Sonia Braga, Yara Amaral e Ary Fontoura.

GURULINO
Humor contemplativo & espirituoso
por Pedro Sangon



@gurulino